

LINHA CRUZADA

TELEFONEMAS CONTRADIZEM REGINA BORGES E ARRUDA

TEBET

Vou consultar o Plenário, que depois irá decidir no final. A palavra está com o Senador Arruda.

ARRUDA

Sobre as ligações, senhor presidente, eu sinceramente, no meu depoimento, deixei muito claro que não tinha nenhuma lembrança disso. A doutora Regina também, no seu depoimento, disse: "Olha, eu fiquei de telefonar, não sei se telefonei. Foram essas as expressões dela." Quando eu estava depondo, o senador Eduardo Suplicy recebeu um telefonema da doutora Regina que dizia: "Olha, eu estou aqui com a lista da Telebrasília e houve uma ligação às dez horas e seis minutos. Essa informação foi dada pelo senador Eduardo Suplicy a todos nós. Muito bem. Depois, nos jornais do dia seguinte, verificamos que o inteiro teor daquela relação da Telebrasília dava, na verdade, três telefonemas.

Naquele dia, senador Saturnino, cheguei bastante cedo ao Senado, por volta de nove horas, como faço sempre, o meu celular fica com a minha secretária enquanto estou no gabinete, as ligações passam a entrar normalmente nos ramais principais, e quando vou para o plenário ele segue comigo com um dos assessores de plenário. E numa sessão daquelas eu só atenderia se fosse alguma coisa relevante.

Lembro-me bem que naquele dia procurei não atender nenhum telefonema porque havia pressões muito fortes em Brasília dos dois lados, e pessoas querendo falar comigo, coisas desse tipo. Essa ligação não houve, mas há uma demonstração maior de que não houve, é que aqui o meu sigilo telefônico e trago aqui a vossa excelência. O meu sigilo mostra o seguinte — vou passar a vossa excelência para conferência posterior: às dezessete horas e quarenta e dois minutos eu retornei os recados que havia, existiam recados da doutora Regina, portanto efetivamente, ela tentou falar comigo, e eu retornei essa ligação. Não posso assegurar se foi nessa ligação que consegui falar com ela ou se ela me ligou em seguida e nos falamos. A verdade é que à tarde retornei "n" ligações, inclusive a dela.

Agora, mais importante ainda, senhor presidente, independente de a ligação ter sido realizada ou não, os procedimentos todos que a doutora Regina houve por bem tomar em função — repito —, da consulta que fiz, nascida — repito —, das preocupações com a segurança do sistema, nascidas dos boatos que existiam até de adulteração de voto, coisas que deixei claro na conversa com a doutora Regina. Ainda que houvesse tido a ligação, todos aqueles procedimentos da noite já tinham sido feitos. Todo o novo sistema, o novo arranjo, de que eu só soube em fevereiro ou março deste ano, já haviam sido realizados. Portanto, o que me causa até alguma estranheza é que depois do primeiro depoimento da doutora Regina, onde ela coloca tudo, segundo ela, de coração aberto, para colocar toda a verdade, busque nesse nível de detalhes algo mais ou uma lapidação daquela verdade colocada inicialmente, que em nada a modifica, uma vez que os procedimentos teriam sido feitos, segundo a doutora Regina, durante a noite. O sigilo telefônico passo a vossa excelência.

SATURNINO

Senador Arruda, eu ia fazer a pergunta porque, no depoimento da doutora Regina, ela também se refere a um segundo telefonema no dia, após a votação, quando teria dado a vossa excelência conta de que o trabalho havia sido feito. Vossa excelência, no seu depoimento, não se referiu a esse telefonema. Disse até que tinha recebido a lista com surpresa, não sabia nem o que era. Agora vossa excelência, de posse do sigilo, dos dados do sigilo, reconhece que houve o telefonema que, vossa excelência diz, retornou a ela. Nesse retorno, não se falou em lista? Se falou, vossa excelência não pode ter tido surpresa ao receber a lista. Então, há uma contradição. Estou querendo também clarear as contradições do depoimento de vossa excelência. Entenda bem a minha indagação.

ARRUDA

No meu depoimento anterior, confirmei e reconfirmei aqui que houve o contato telefônico muito rápido. Não sei a duração no sigilo telefônico, mas sempre ela tinha a secretária, eu também, até que falássemos. A fala foi muito rápida e quando ela disse que estaria naquele lugar, eu pedi ao doutor Domingos [Lamoglia, assessor de Arruda], até ali também sem saber exatamente o que era. Eu disse a ele que era alguma coisa que deveria entregar ao Presidente e que ele fosse lá buscar para mim. Até ali, eu não tinha ouvido falar e nem tinha falado de lista, de relação, de nada disso.

Até se o senhor me perguntar, para deixar mais claro ainda: "Mas, nessa conversa com a doutora Regina, ela poderia ter sido induzida a imaginar que o que estavam preocupados era ver como que ia votar cada um lá, para poder não mudar?" Admito que sim. Admito que sim no meu depoimento e admito outra vez. Eu não estou colocando isso na conta de eventual má-fé ou de mal entendimento posterior. Não. Admito isso. Admito que se fizesse a mesma consulta hoje, a faria com muito mais cuidado, de forma diferente, ou nem a faria, talvez. Agora, não houve, de minha parte nem da parte de nenhuma das pessoas — e, aí, eu incluo precisamente o senador Antonio Carlos e a doutora Regina —, má-fé no ato. Quer dizer, a visão minha era clara e dependia disso.

A doutora Regina, no seu depoimento posterior, num determinado instante, até deixa claro isso. Quando ela fala com um dos técnicos, e eu reli isso muitas vezes, [Sebastião] Gazolla [um dos técnicos responsáveis pela violação do painel] ela diz a ele também das preocupações com segurança. Aliás, uma dúvida técnica que eu tenho é sobre as eventuais modificações introduzidas, a par de dar um resultado, tirar a prova dos nove — que acaba confirmando que a votação foi correta, mas confirman-

do de uma maneira ruim —, o sistema ficou menos sensível ou menos vulnerável, se aquela modificação poderia, de alguma maneira, realmente ajudado a segurança.

SATURNINO

Senador Arruda, eu praticamente tinha encerrado esse ponto, mas agora, nas suas declarações últimas, vossa excelência disse que ao falar com a dona Regina, de tarde, após a votação, teria dito que era algo que teria que ser levado ao Presidente Antonio Carlos.

ARRUDA

Não, não, não, não. Desculpe.

SATURNINO

Eu entendi assim.

ARRUDA

Está bem, mas é importante esclarecer esse ponto. São detalhes importantes. Com a doutora Regina eu não me lembro dos detalhes — não sei se ela se lembraria — das frases. É muito difícil, quase um ano depois. O que eu me lembro é que ela disse que tinha uma coisa para me entregar e que eu pedi para o doutor Domingos. Quando eu pedi ao doutor Domingos para buscar é que eu disse a ele: "Olha, você vai encontrar a doutora Regina em tal lugar e ela vai lhe entregar um documento que eu tenho que levar para o senador Antonio Carlos." Como quem diz: "Vai rápido e volta rápido, que eu tenho que ir rápido." Alguma coisa desse tipo.

SATURNINO

Mas vossa excelência, então, já sabia o que era o documento?

ARRUDA

Eu não sabia, estou repetindo o meu depoimento e reafirmo o que foi falado no meu depoimento. Eu não sabia, senador Saturnino, qual a natureza do documento que ela me entregaria. Eu até usei uma expressão, aqui no meu depoimento: "caiu a ficha." Ficou absolutamente claro, do diálogo que tive com a doutora Regina, que aquilo que ela me entregaria era a demonstração inequívoca de que o painel havia funcionado corretamente e que não teria havido nenhuma burla, e que os votos computados eram os corretos. Como, aliás, os peritos da Unicamp comprovaram depois.

SATURNINO

Senhor presidente, gostaria de passar, agora, a outro ponto. É melhor assim, não é? Que eu complete e, depois, os outros senadores. Eu gostaria, agora, de abordar a contradição entre os depoimentos do senador Arruda e do senador Antonio Carlos. O Senador Arruda contou-nos que tinha tido com o Presidente uma conversa sobre os rumores que corriam sobre a possibilidade de violação, que ele estava preocupado e que o Presidente também estava preocupado, concordavam nessa preocupação, e que ele, Senador Arruda, teria escutado do presidente palavras tais como: "Você, que é engenheiro, que entende de computador, por que não procura a doutora Regina para saber como isso funciona?" E ele teria dito: "Posso usar o seu nome?" E ele, senador Antonio Carlos, teria concordado. Mas, no depoimento do senador Antonio Carlos, não há nenhuma referência a essa conversa prévia, a esse entendimento prévio e há até uma negativa dessa autorização para usar o seu nome no diálogo com a doutora Regina. O senador Antonio Carlos se disse surpreso inteiramente ao receber a lista, porque não sabia de nada, absolutamente nada, sobre nenhuma tratativa anterior do senador Arruda com a doutora Regina.

Pergunto ao senador Arruda se ele confirma inteiramente o que disse no seu depoimento e se eu, dentro do espírito, não das palavras, reproduzi fielmente.

ARRUDA

Confirmo. Sem dúvida. É para reproduzir?

SATURNINO

Não, se vossa excelência confirma...

ARRUDA

Confirmo, é exatamente o que disse no meu depoimento.

ROBERTO SATURNINO

Ao senador Antonio Carlos, pergunto também se confirma o que disse antes, que não tinha tido nenhuma tratativa e revelou-se surpreso, surpreendeu-se com a entrega que lhe foi feita, da apresentação que lhe foi feita da lista de votação.

ANTONIO CARLOS MAGALHÃES

É verdade. Não dei nenhuma autorização ao senador Arruda, nem ordem, para tratar com a dona Regina qualquer assunto. Entretanto, conversamos, não só com o senador Arruda, algumas vezes, como com outros senadores da oposição e do governo, sobre a possibilidade que se falava de que o painel poderia ser violado pelo senador [posteriormente cassado] Luiz Estevão para modificar a provável votação contra ele. Isso foi feito realmente. Houve muitas conversas, entretanto não houve autorização para o senador Arruda tratar em meu nome nem nessa nem em qualquer outra ocasião. E aproveitei a oportunidade para também perguntar, se for o caso, via relator, se alguma vez dona Regina ouviu de mim, até o problema posterior à apresentação da lista, uma palavra sequer que lhe dissesse para fazer este ou aquele procedimento.

Portanto, houve muitas conversas com parlamentares do Senado e até mesmo da Câmara dos Deputados,

